

“Somos sem-teto e é essa privação que nos une”. Análise da base social dos movimentos dos sem-teto de São Paulo

Nathalia Cristina Oliveira *

Resumo

Propomo-nos aqui a refletir sobre a base social dos movimentos dos sem-teto da Grande São Paulo, no Brasil. Para tal, nosso texto está dividido em três partes. A primeira delas traz uma rápida discussão sobre a pertinência do uso das classes sociais como categoria analítica e também aponta a importância de outros marcadores sociais (etnia, gênero, geração) para os estudos dos movimentos sociais. A segunda parte enfatiza a heterogeneidade existente entre os sem-teto que compõem os movimentos. Verificamos que existe uma grande diversidade entre os comportamentos, necessidades e ações dos sem-teto que pode ser compreendida a partir dos diferentes marcadores sociais. Por fim, veremos que, apesar dessas diferenças, o caráter de classe dos movimentos dos sem-teto permite pensar sua unidade. Considerando a classe social em sua dimensão subjetiva e objetiva, demonstramos em que sentido os referidos movimentos podem ser entendidos como movimentos classistas.

Palavras-chave: Movimentos dos sem-teto; classes sociais; marcadores sociais; marxismo.

* Nathalia Cristina Oliveira é graduada em Ciências Sociais, Mestre em Ciência Política e Doutoranda em Ciência Política, sempre pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Membro do grupo de pesquisa Neoliberalismo e Relações de Classes, alocado ao Centro de Estudos Marxistas (Cemarx). Pesquisa movimentos sociais brasileiros de urgência (sem-teto e sem-terra), classes sociais e capitalismo neoliberal. e-mail: natholiveira2004@yahoo.com.br

Abstract

“We are homeless and this is the privation that unites us”. Analysis of the social basis of the homeless movements of São Paulo.

This paper seeks to inquire into the homeless movements of Grande São Paulo, particularly its social bases. It is divided in three parts. The first part provides a brief discussion about the relevance of using social class as an analytical category and the use of other social markers (ethnicity, gender, generation) for the study of social movements. The second part emphasizes the heterogeneity among the homeless, the members of these movements. We have argued that there is a great diversity among the behaviors, actions and needs of the homeless, what can be understood based on different social markers. Finally, in the last part, we have observed that, despite these differences, the class character of the homeless movements directs to the unit. We have discussed about the subjective and objective dimension of the social class and we have shown in what sense the homeless movements can be understood as classist movements.

Keywords: Homeless movements of São Paulo, social classes, social markers, Marxism.

Introdução

Propomo-nos aqui a refletir sobre a base social dos movimentos dos sem-teto, de modo que possamos entender quem são os sem-teto e quais são as suas necessidades, particularidades, ideologias e lutas. A reflexão apresentada faz parte de um dos capítulos de minha dissertação de mestrado,¹ em que faço um estudo empírico exploratório sobre três dos principais movimentos dos sem-teto da Grande São Paulo, no Brasil. Os movimentos estudados são o MMC (Movimento de Moradia do Centro), MSTC (Movimento Sem-Teto do Centro) e MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto).

No que se refere à metodologia de pesquisa, selecionamos como principais ferramentas o trabalho de campo, a realização de entrevistas (qualitativas e semi-estruturadas) com lideranças e base dos três movimentos citados e a leitura e análise dos documentos oficiais dos respectivos movimentos.

Este artigo está estruturado em três partes. Na primeira delas, trazemos uma rápida apresentação de nosso posicionamento teórico no que se refere à análise dos movimentos sociais. Neste sentido, levantamos questões referentes à pertinência da categoria analítica das classes sociais para se pensar os sem-teto e também apontamos a importância da utilização dos ditos marcadores sociais (etnia, gênero e geração) em nossa análise.

Na segunda parte do artigo, partimos para a descrição propriamente dita dos sem-teto. Buscamos aqui fazer uma exposição das características particulares de cada um dos seguintes segmentos que compõem as bases dos movimentos dos sem-teto: mulher, mãe e sem-teto; homem, pai e sem-teto; negros sem-teto; sem-tetinhos: crianças e adolescentes sem-teto; idosos sem-teto; migrantes e imigrantes sem-teto; e homossexuais sem-teto.

Na terceira parte, defendemos a ideia de que, apesar da diversidade existente entre os sem-teto, o caráter de classe dos seus movimentos permite pensar sua unidade.

1. Movimentos e classes sociais

Devido à aproximação com o referencial teórico marxista e à utilização deste para estudarmos os movimentos dos sem-teto, acreditamos que o conceito de classe social é muito importante para a compreensão dos movimentos sociais, inclusive os ditos “novos” movimentos sociais. Assim, as classes sociais não podem ser colocadas como um ponto sem grande relevância na análise, principalmente no estudo sobre os movimentos dos sem-teto, em que o caráter de classe aparece com tanta evidência. Diante disso, faz-se necessário explicitar o que entendemos por movimentos sociais e classes sociais.

Sobre as definições dos movimentos sociais, possuímos concordância com as ideias de J. Borja e René Mouriaux. Ao procurar uma definição para os movimentos reivindicativos urbanos, Borja aponta que eles estariam relacionados com as ações coletivas que buscam melhores condições de vida, as quais estão relacionadas ao uso da cidade – como moradias dignas e acessos aos serviços de qualidade (saúde, educação, etc). Nas palavras do autor (Borja, 1975, p. 12):

Consideramos como movimientos reivindicativos urbanos las acciones colectivas de la población entretanto que usuaria de la ciudad, es decir, de viviendas y servicios, acciones destinadas a evitar la degradación de sus condiciones de vida, a obtener la adecuación de éstas a las nuevas necesidades o a perseguir un mayor nivel de equipamiento.

René Mouriaux, ao tratar dos movimentos sociais na nova fase do capitalismo, elabora uma tipificação das lutas sociais e políticas (Galvão, 2002). Nesta tipificação, destacamos o primeiro tipo, que se refere às *lutas de urgência*. Estas seriam aquelas em que as pessoas lutam para garantir sua sobrevivência. Devido à deterioração da situação econômica de algumas frações das classes trabalhadoras, algumas pessoas se veem obrigadas a lutarem por coisas tidas como elementares: comida, abrigo, emprego. Acreditamos poder classificar os movimentos dos sem-teto como movimentos de urgência, posto que os sem-teto lutam para a obtenção de uma moradia digna, ou seja, por condições básicas e urgentes que garantam minimamente a existência física.

No que se refere ao conceito de classe social,² quando pensamos na concepção de Marx, logo o relacionamos com a posição que os agentes ocupam na estrutura produtiva. Em seguida, vem à mente a famosa e já exaustivamente citada passagem em que Marx retrata a situação do camponês em *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*. Relembremo-la:

Os pequenos camponeses constituem uma imensa massa, cujos membros vivem em condições semelhantes, mas sem estabelecerem relações multiformes entre si. [...] Na medida em que milhões de famílias camponesas vivem em condições econômicas que as separam umas das outras, e opõem o seu modo de vida, os seus interesses e sua cultura aos das outras classes da sociedade, estes milhões constituem uma classe. Mas na medida em que existe entre os pequenos camponeses apenas uma ligação local e em que a similitude de seus interesses não cria entre eles comunidade alguma, ligação nacional alguma, nem organização política, nessa exata medida não constituem uma classe. (Marx, 1974, p. 402-403)

Verifica-se que o camponês da França de 1848 era uma classe e não era; ou seja, era uma classe sob o ângulo econômico, mas não sob o ponto de vista político e ideológico. Marx sugere assim que a estrutura econômica contém, potencialmente, uma classe. No entanto, sua formação efetiva só se realiza quando há uma ação conjunta, uma organização política que relacione os interesses de classes e os seus projetos. Logo, não devemos ter uma noção reducionista e tampouco economicista do conceito de classe social de Karl Marx. Entretanto, deve ficar claro que não há a formação de uma classe apenas no nível das práticas sociais, ou seja, a classe não é apenas uma construção social, fundada nas relações concretas estabelecidas entre os agentes sociais. Dito de outra maneira, uma classe social se define a partir da posição dos agentes na estrutura econômica, porém só se constitui enquanto classe nos conflitos, nas lutas, no processo de mobilização política que passa

pela capacidade de agregar interesses e construir solidariedades. Deve-se pensar a classe social como um fenômeno, ao mesmo tempo econômico, político, objetivo e subjetivo.

De acordo com Marx, ainda em *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*, o conceito de classe social pode ser utilizado não somente nos momentos em que os agentes da produção estão mobilizados num embate em torno da preservação ou da revolucionarização da ordem vigente (como apresentava o referido autor no *Manifesto do Partido Comunista*), mas também no momento em que os agentes atuam no processo político visando manter ou conquistar posições na distribuição da riqueza ou na balança do poder. O conflito de classes aparece assim como um fenômeno político permanente e das maneiras mais distintas possíveis.

Afirmar que o paradigma marxista não consegue mais explicar a realidade é um equívoco. Surgem novas necessidades, tais como a teorização do conceito de classe média, não se ter uma visão economicista e introduzir elementos culturais na análise. Mas dizer que a posição do agente na estrutura produtiva não importa seria um erro.

Larangeira (1990) coloca algumas questões interessantes. Quantas horas do dia as pessoas passam envolvidas com o trabalho? Como a ocupação de um trabalhador e, conseqüentemente, o seu salário, poderia deixar de influenciar o seu dia a dia e as possibilidades de lazer? E ainda, na velhice, o que são as condições de vida senão um resultado do lugar ocupado anteriormente na divisão social do trabalho? Como analisar os interesses antagonísticos da União Democrática Ruralista (UDR) e dos sem-terra, e o constante conflito entre esses dois setores, senão a partir da ideia de luta de classes?

O vigor da ação coletiva desses agentes classistas na sociedade brasileira, por exemplo, não permite afirmar tão facilmente que o conceito de classe social já não seja mais adequado para descrever a realidade. Talvez se pudesse dizer que ele não é suficiente para descrever toda a realidade. (Larangeira, 1990, p. 27)

Entendemos que os movimentos sociais exigem interpretações em suas diversas dimensões: econômica, política, ideológica e cultural, ainda relacionando as suas condições objetivas e subjetivas. Isso implica incluir na análise outros marcadores sociais além das classes sociais, tais como gênero, raça, idade, entre outros.

Galvão (2008), baseada na literatura francesa, afirma que a perspectiva marxista faz diferença e importa na análise dos movimentos sociais ao buscar a relação entre ideologia e classe, entre política e economia.

A autora entende que a ação política está vinculada a interesses materiais e que trabalhar com as contradições de classe ajuda a compreender os conflitos, as resistências dos dominantes à ação das classes dominadas, sobretudo quando elas são capazes de desvelar e apontar para as causas da desigualdade e da exploração.

Dentre outras vantagens, Galvão (2008, p. 14) destaca que “a abordagem marxista também permite ao analista se interrogar sobre a diversidade dos movimentos e, ao mesmo tempo, buscar seus elementos comuns”.

Assim, buscamos realizar aqui uma análise marxista sobre movimentos dos sem-teto para pensar nas múltiplas determinantes das formações de suas bases sociais. Destacamos ainda a importância dos diversos marcadores sociais para compreender a diversidade e a unidade entre os sem-teto.

2. Diversidade entre os sem-teto

É necessário entender que os movimentos dos sem-teto são constituídos por famílias, ou seja, participam deles pais, mães, filhos, avós, jovens e crianças.³ Há, assim, uma grande diversidade entre os comportamentos, necessidades e ações desses membros. A partir do nosso trabalho de campo, pudemos constatar que as bases sociais nos três movimentos aqui pesquisados são semelhantes. No entanto, tais bases não são homogêneas no que se refere a gênero, etnia e geração. Dentre os sem-teto, existem homens e mulheres. Existem brancos e negros. Ao lado dos idosos estão as crianças, inclusive os recém-nascidos e os jovens sem preparo para o mundo do trabalho.

Para além da luta dos sem-teto (luta pela moradia), há setores do movimento que lutam contra a opressão feminina, a homofobia, o preconceito racial e o preconceito em relação aos migrantes nordestinos. Para compreender toda esta diversidade, sintetizaremos algumas questões dos principais segmentos dos sem-teto que se encontram na base dos movimentos que lutam por moradia.

Mulher, mãe e sem-teto

O poder das mulheres nos movimentos é notório. Há casos de ocupações em que o número de mulheres chega a 70% ou 80% do total dos ocupantes. Muitas mulheres são coordenadoras dos movimentos dos sem-teto e são elas também as grandes lideranças das ocupações e acampamentos.

Elizabeth Souza-Lobo, em *A classe operária tem dois sexos*, demonstra a necessidade de se introduzir na sociologia do trabalho a noção de gênero para compreender melhor o trabalho da mulher, o trabalho feminino. A autora tenta assim demonstrar que, apesar de haver todo um universo próprio da classe trabalhadora (venda da força de trabalho e exploração pelo capital, por exemplo), esta possui “dois sexos” e há uma segregação ocupacional de acordo com estes.

Em nossa pesquisa, constatamos que a divisão sexual do trabalho encontra reflexos na divisão de tarefas nas ocupações de prédios e terrenos realizadas pelos sem-teto. Por exemplo, no Movimento Moradia do Centro (MMC), a portaria e segurança das ocupações ficam por conta dos homens, enquanto a limpeza fica para as mulheres. Uma das lideranças ainda justifica que a segurança fica com os homens principalmente no início da ocupação, porque “os homens aguentam mais o impacto”, embora as mulheres tivessem condições para tal, já que existem hoje muitas policiais femininas e seguranças mulheres, por exemplo. Nos acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), as famosas cozinhas comunitárias, coletivas, são coordenadas principalmente por mulhe-

res, copiando assim a lógica da divisão sexual do trabalho. Foi no Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC) que encontramos mulheres na portaria, no entanto não temos elementos suficientes para afirmar que neste movimento, nos momentos das ocupações, há um status de igualdade entre homens e mulheres e que a divisão sexual do trabalho é rompida. Mesmo porque ao mesmo tempo em que as mulheres estão na portaria, os homens são naturalmente considerados como “retraídos para a cozinha”.

Geralmente, os principais fatores que estão na origem da participação das mulheres nos movimentos sociais são as relações entre a reivindicação e as necessidades correspondentes à esfera da reprodução social (tidas como “questões femininas”: creches, habitação, saúde, transporte, melhores condições de vida). Os movimentos femininos (não necessariamente feministas) são resultados de uma relação causal entre miséria e demanda. E é isso que pode explicar a grande participação das mulheres nos movimentos dos sem-teto: a situação miserável em que se encontram e a necessidade de uma moradia para abrigar suas famílias levam as mulheres sem-teto à luta, à organização.

Ademais, existe a questão da maternidade. Não é raro encontrarmos muitas mulheres chefes de família, que vão com seus filhos lutar por uma moradia, unindo-se aos movimentos dos sem-teto. Nas entrevistas com as bases dos movimentos, muitas mulheres diziam estar naquela luta, nas situações precárias das ocupações, por causa de seus filhos, como tentativa de lhes dar uma vida mais digna.

Outro fator que pode justificar a grande participação das mulheres nas ocupações é a violência doméstica. Muitas mulheres tomam coragem, saem de casa com seus filhos e vão para as ocupações dos sem-teto, onde são acolhidas. Dentre as normas da organização interna das ocupações, a violência contra a mulher é uma das coisas que menos se tolera; se o agressor é pego, ele é expulso da ocupação.

Homem Sem-Teto

Ao destacarmos a forte presença das mulheres nos movimentos dos sem-teto, não estamos querendo desvalorizar ou menosprezar a participação dos homens. Eles também estão presentes nos movimentos, embora de maneira um pouco mais acanhada. Geralmente, são suas esposas que chegam primeiro aos movimentos e, devagar, eles acabam se aproximando.

De acordo com uma das lideranças femininas dos Sem-Teto do Centro, nos últimos anos, os homens começaram a participar mais das atividades dos movimentos porque teriam percebido a necessidade e a importância de se lutar pela moradia.

Para sermos justos com os homens, também existe a questão da paternidade, em que muitos pais se sentem humilhados por não poderem oferecer aos seus filhos um lar decente, alimentação e, muito menos, lazer.

Se a diferença entre a participação de homens e mulheres na base do movimento parece ser grande, isto não se repete entre as lideranças. Parece haver um equilíbrio entre homens e mulheres no que se refere ao número de lideranças, exceto no Movimento Sem-Teto do Centro, onde a grande maioria das coordenadoras são mulheres.

Por fim, destacamos a importância dos homens nas ocupações no que se refere à infra-estrutura. Geralmente, no início da ocupação, a situação precária do prédio ocupado exige muito trabalho e organização dos sem-teto. Estão aí incluídos a limpeza do local e estamos falando aqui de retirar quilos e mais quilos de lixo e entulho de dentro dos prédios abandonados; a realização de mudanças, carregando os móveis de um andar para o outro, já que geralmente os elevadores destes prédios estão emperrados, não sendo assim nem um pouco confiáveis; os reparos e “improvisações” no que se refere à água, à energia e à construção de divisórias dentro do espaço ocupado para as famílias. Todas essas tarefas são, portanto, destinadas àqueles que têm experiência no assunto e, na maioria das vezes, esses são os sem-teto eletricitistas, marceneiros ou pedreiros: são os sem-teto homens. Aqui está a divisão sexual do trabalho novamente.

Negros Sem-Teto

A presença de negros nos movimentos dos sem-teto é grande, no entanto, nos discursos dos movimentos aqui pesquisados a questão racial não aparece como algo determinante ou muito forte. Diferentemente do que acontece, por exemplo, com o Movimento dos Sem-Teto de Salvador (Bahia), que ao se “autodescrever” e se “autodefinir” propõe uma “revisão da herança histórico-cultural dos sem-teto”.

De acordo com Raphael Fontes Cloux, estudioso do Movimento dos Sem-Teto de Salvador, não há democracia racial brasileira, já que a maioria dos que estão dentro das ocupações dos sem-teto são afro-brasileiros. Ainda ao definir os sem-teto baianos, o autor afirma :

Os Sem-Teto são oriundos do processo histórico de exclusão de grande parte da população, dos negros e negras, das comunidades indígenas, dos caboclos do meio rural, que foram expulsos juntos com os negros após o 13 de maio de 1888, sem qualquer direito sobre as terras em que cultivavam e criavam gado ou a qualquer assistência social ou de previdência, sem acesso à alimentação adequada, trabalho e moradia. (Cloux, 2008, p. 55)

Acreditamos que os sem-teto negros estão distribuídos igualmente, tanto pela base do movimento quanto entre as lideranças. Dessa maneira, ao menos na estrutura organizativa do movimento, não haveria preconceito racial.

Como sabemos, a desigualdade racial no país possui fortes relações com a desigualdade social. Santos (2005) fez um estudo analisando os efeitos de classe na desigualdade racial. Dentre os diversos dados, tabelas e hipóteses apresentados pelo autor, é interessante constatarmos que:

- 1) 55,4% da população brasileira é branca e 44,6% é não-branca (negro e pardo);
- 2) A maioria da população não-branca brasileira se encontra nas classes trabalhadoras (de acordo com as categorias definidas pelo autor, esses são os trabalhadores elementares, trabalhadores por conta própria, trabalhadores precarizados e empregados domésticos). No entanto, as classes trabalhadoras não apresentam um grande *gap racial* – uma

diferença significativa entre o número de trabalhadores brancos e não-brancos;

3) Dentre a categoria de classe considerada capitalista, a representatividade de não-brancos é baixíssima, 11,6%, enquanto a população branca representa 88,4% dos capitalistas;

4) A diferença salarial entre brancos e não-brancos aponta que, em todas as “categorias de classes” definidas por Santos, os brancos levam vantagens sobre os negros, isto é, possuem um salário maior.

Se os sem-teto são trabalhadores de baixa renda e, como evidenciado, muitos desses trabalhadores são negros, entendemos que existem muitos sem-teto negros. No entanto, a participação de brancos dentro dos movimentos é grande também. Como vimos acima, a classe trabalhadora é tanto branca quanto negra, de modo que a composição dos movimentos dos sem-teto deve refletir isto, ou seja, os sem-teto são negros e brancos.

Assim, não queremos negar que existam diferenças entre os sem-teto negros e os sem-teto brancos, já que os primeiros, além de terem que enfrentar o estigma da pobreza, ainda sofrem com o preconceito racial, tendo, por exemplo, salários ainda menores que os dos sem-teto brancos.

“Sem-Tetinhos”: crianças e adolescentes sem-teto

As crianças que fazem parte dos movimentos dos sem-teto estão acompanhadas de suas famílias, seja dos pais, tios ou mesmo dos avós. Porém, apesar de elas terem este apoio familiar, muitas outras carências aparecem: moradia, assistência à saúde, educação, lazer e alimentação.

As crianças sem-teto são impedidas de se matricularem nas escolas ou creches porque não têm como apresentar comprovante de residência. É verdade que alguns dos sem-tetinhos frequentam a escola; nestas ocasiões seus pais conseguem dar um “jeitinho” na matrícula.

Dentro da escola, as crianças possuem diversos comportamentos, desde os mais dóceis aos mais agressivos. Por exemplo, uma das pequeninas que estava em uma das ocupações do Movimento de Moradia do Centro mostrava orgulhosa as figurinhas que havia ganho da professora por ter feito toda a lição. Já um garotinho estava com problemas na escola: ele batia nos colegas e só poderia voltar a frequentar as aulas quando seu responsável fosse ao Conselho Tutelar e desse explicações.

A partir desses exemplos, poderíamos dizer que as crianças sem-teto, quando não impedidas de frequentarem a escola, possuem um comportamento como o de todas as crianças, não importando de onde vêm. Mas será mesmo?

Muitos dos sem-tetinhos que conseguem ir à escola passam fome e, por isso, a merenda é vista como um dos melhores momentos do dia. A carência de um vestuário apropriado é constante – calçados fechados durante o inverno, por exemplo. Há também a impossibilidade de convidar o colega para ir brincar na sua casa ou de participar de (e muito menos de ter) uma festa de aniversário. Todos esses exemplos demonstram como as crianças sem-teto se sentem envergonhadas frente aos amigos de escola. Isso ajuda a entender que os sem-tetinhos, apesar de se reconhecerem como crianças iguais aos seus colegas

de escola, são também diferentes deles. A classe social faz esta diferença e a situação de ser sem-teto mais ainda, levando as crianças a também sentirem o preconceito social. Elas são discriminadas e não raramente são chamadas com desdém de “filhos de favelados”, como se isso significasse “filhos de criminosos”. Aqui está a velha criminalização da pobreza.

As desigualdades sociais estão lado a lado. Na ocupação Lava-pés (localizada perto da Igreja da Sé, em São Paulo), organizada pelo Movimento de Moradia do Centro, o “lado a lado” é literal. Há uma creche particular ao lado do galpão onde vivem 24 famílias de sem-teto. Em uma ocasião, o diretor da creche foi conversar com os sem-teto da ocupação para que as “suas crianças” não fizessem barulho durante o horário de aula para não tirar a concentração das “crianças deles”. E o diretor ainda disse que um pai já havia retirado seu filho da creche porque não queria que ele convivesse com sem-tetos. Dessa maneira, o preconceito afeta as crianças e a desigualdade é visível. Enquanto as crianças da creche particular têm o direito a uma boa educação e a viverem longe dos problemas sociais e da miséria, as crianças sem-teto têm o dever de ficarem “quietinhas” para não atrapalharem as “crianças deles”. Os sem-tetinhos têm o seu direito à educação ameaçado porque não possuem um comprovante de endereço e, ainda, não têm a escolha de ficarem longe da miséria e problemas sociais, sendo obrigados a conviver com isso diariamente.

Dada a intensidade do problema habitacional pelo qual passam as famílias dos sem-teto, é impossível que as crianças sejam alheias à situação. Os problemas enfrentados pelos seus pais são, na verdade, seus problemas também: ausência de moradia, fome e discriminação.

Idosos Sem-Teto

Enquanto as crianças penam para se conservar crianças, devido às suas condições precárias de vida, os idosos têm dificuldades para alcançar uma velhice digna. Depois de muitos anos de vida e de lutas, eles ainda se sentem inseguros e fragilizados frente aos despejos recorrentes pelos quais passam. Seus problemas de saúde são agravados nestas situações e muitos acabam precisando ser internados em hospitais.

Outros, apesar da idade avançada, ainda se sentem obrigados a cuidar de netos pequenos. É o caso de Dona Graça, uma senhora que toma conta de seus netos e bisnetos. Ela trabalha durante o dia e ainda faz “bicos” (recolhe latinhas durante a noite) para poder sustentar sua família.

Um grande problema enfrentado pelos idosos dentro dos movimentos dos sem-teto é que quando o movimento possui uma vitória e, por exemplo, consegue um acordo com a Caixa Econômica Federal (CEF) ou a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), dá-se prioridade para famílias constituídas. Isso significa que os idosos que estão sós não entram na lista prioritária. Esse é o caso de Dona Maria, quase 70 anos, que vem lutando há cinco anos em um dos movimentos. Ela tentou viver com a filha, mas devido a problemas com o genro não foi possível continuar. Ela é empregada doméstica aposentada e vive de sua aposentadoria. Todos os dias ela almoça no “*Bom Prato*”, progra-

ma do governo do Estado de São Paulo em que a refeição custa R\$ 1,00. Dona Maria está no dilema de pagar aluguel e se alimentar.⁴

Ela comenta que várias vezes ficou decepcionada com o movimento, porque faz muito tempo que luta e ainda não conseguiu sua casa. Enquanto esperávamos uma das lideranças para realizar uma entrevista na sede do Sem-Teto do Centro, Dona Maria também esperava para tentar, mais uma vez, ser incluída no Programa Bolsa Aluguel. Ela comentou que gostaria muito de participar de um programa – em que o idoso paga cerca de R\$ 50,00 mensais e mora em um apartamento ou kitnet. Quando o idoso falece, o apartamento não pertence a ele, mas sim ao Estado, e aí outro idoso vai morar ali. Isso abre brecha para pensarmos que o direito a morar com dignidade é diferente do se ter uma casa própria.

Migrantes Sem-Teto

Grande parte dos sem-teto que se encontram na Grande São Paulo é migrante, principalmente nordestinos. Esses sem-teto vivem o dilema de deixarem sua terra natal e a família para tentarem uma vida melhor e mais digna na capital paulista. Quando resolvem arriscar e vêm para São Paulo, logo percebem que as coisas na cidade grande não são fáceis e, geralmente, têm como horizonte viver sem emprego, sem moradia e sem família. A partir disso, surge o dilema de voltar ou não para sua terra natal. No entanto, a maioria dos migrantes destaca que se a situação é ruim agora - na condição de sem-teto na cidade de São Paulo - era pior ainda nos lugares em que viviam anteriormente.

Os migrantes que vêm do Nordeste do Brasil ainda têm que enfrentar uma espécie de preconceito cultural por parte dos paulistas e paulistanos.

Existem ainda nas bases dos sem-teto alguns migrantes latino-americanos, em especial os bolivianos. Isso porque a partir da década de 1980, devido à forte crise que assolou a Bolívia, “milhares de trabalhadores bolivianos, em sua maioria nascidos em áreas rurais, deslocaram-se para o Brasil em busca de uma oportunidade de trabalho” (Mascaro; Silva; Tambellini, 2009, p. 124).

Hoje podemos perceber uma grande circulação desses migrantes na região central da cidade de São Paulo, onde trabalham em condições muito precárias em oficinas de costuras. Muitos dos trabalhadores bolivianos que não vivem nas próprias oficinas de trabalho não conseguem pagar um aluguel, devido à baixa remuneração que possuem, daí a sua inserção nos movimentos dos sem-teto do centro. O fato de muitos desses bolivianos serem imigrantes não documentados dificulta muito as suas vidas e o acesso aos serviços sociais básicos, como os de saúde, por exemplo.

Homossexuais sem-teto

No discurso, os movimentos dos sem-teto se demonstram abertos a todos, sem discriminações. Por isso, muitos dos movimentos lutam por políticas que incluam as pessoas que são “excluídas” e discriminadas, como os homossexuais.

De fato, existem diversos homossexuais entre os sem-teto, no entanto, isso não quer dizer que não exista preconceito (tanto por parte das lideranças quanto da base) devido às opções sexuais das pessoas – não podemos esquecer que os sem-teto estão inseridos em uma sociedade que produz e reproduz preconceitos, portanto muito deles não escapam disso.

Em um encontro organizado pela União Nacional por Moradia Popular, no qual se discutiu a questão de cotas para negros nas políticas habitacionais, houve a presença de gays e lésbicas na discussão de gênero e sexualidade. O trecho seguinte demonstra as limitações dos movimentos, no sentido de reproduzirem os preconceitos da sociedade:

“Por que só famílias com homem, mulher e crianças têm o direito a ocupar, resistir, construir e ter um título de posse?”, perguntava uma militante do movimento, defendendo que duplas de mulheres e de homens que vivam maritalmente tenham o direito a uma casa. Venceu uma formulação bem mais branda: “As (os) solteiras (os) têm direito à moradia”. (“Negros reivindicam cotas em programas habitacionais”. (*Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 26 de abril de 2004)

A política de moradia é homogênea e familiarizada, isto é, a base da elaboração da política habitacional está na família, não dando conta da diversidade da realidade e dos movimentos dos sem-teto.

Os modelos de financiamento de habitação se baseiam na renda familiar e essa família é definida de uma maneira tradicional. Assim, um casal homossexual não pode declarar sua renda conjuntamente, já que legalmente não forma uma família. Desse modo, só a renda de um(a) é que conta para a aprovação do financiamento.

Existem grandes polêmicas no que se refere à questão da homossexualidade e da moradia. A principal está em torno da defesa, de um lado, da moradia enquanto direito universal e que, portanto, todos deveriam ter acesso a ela e não seriam necessárias as políticas afirmativas. De outro lado, há os que defendem a política de cotas de moradias populares para homossexuais, aprovando assim as ações afirmativas.

3. Unidade entre os sem-teto: o caráter de classe dos movimentos dos sem-teto

Quem são os sem-teto? Como defini-los?

Para nós, o trabalhador sem-teto se define não apenas por ser uma pessoa com uma condição socioeconômica desfavorável e não possuir um teto, mas também pela sua ação política, por estar participando de um movimento que tem como reivindicação principal a conquista de moradia. Portanto, o conceito de sem-teto que utilizamos aqui deve ser entendido em sua dimensão política e econômica. O sem-teto é fruto de condições objetivas, mas só pode ser entendido em sua amplitude quando pensamos em sua constituição enquanto agente político.

Se as pessoas fazem parte dos movimentos dos sem-teto, é porque suas reivindicações imediatas são moradias, suas situações socioeconômicas não são nada favoráveis e, apesar de terem trajetórias distintas e sexos diferentes, estão todos na mesma luta. Ou seja, embo-

ra toda a diversidade existente entre eles, existe uma característica comum, uma carência que os unifica: sua carência de moradia.

Mas de onde vem esta carência? Há alguma relação com a posição dos sem-teto na estrutura produtiva? Pensando na discussão das classes sociais e movimentos sociais, perguntamos: os sem-teto fazem parte das classes trabalhadoras? Os movimentos dos sem-teto possuem um caráter de classe?

Como colocamos no início deste artigo, entendemos que uma classe social se define a partir da posição dos agentes na estrutura econômica, porém só se constitui enquanto classe nos conflitos, nas lutas, no processo de mobilização política. Deve-se, portanto, pensar a classe social como um fenômeno, ao mesmo tempo, econômico, político, objetivo e subjetivo.

Assim, para podermos dizer que os movimentos dos sem-teto possuem um caráter classista, devemos verificar qual é a posição dos sem-teto na estrutura produtiva, de que maneira eles agregam interesses e constroem uma solidariedade e, ainda, em que medida a principal reivindicação destes movimentos aponta para uma reivindicação com interesse de classes. Analisaremos estas questões a seguir.

3.1. Lugar que os sem-teto ocupam na estrutura produtiva

Os sem-teto pertencem às classes trabalhadoras apesar de não serem, em sua maioria, “operários padrão”, como os trabalhadores de fábricas.

Com o processo de reestruturação produtiva, a bipolarização das classes sociais não se encontra bem definida (capitalista e operário de indústria) e, por isso, o conceito de frações de classes se torna um bom recurso analítico. Sendo assim, acreditamos que os sem-teto, no que se refere ao nível da produção, pertencem às classes trabalhadoras, ou melhor, a uma das frações das classes trabalhadoras que podemos denominar “massa marginal”.

Este conceito de “massa marginal”, dentro da concepção marxista, trata a marginalidade no nível das relações produtivas, e não de consumo. Destacaremos dois principais autores que debatem este tema: José Nun (1972 e 1978) e Lúcio Kowarick (1975).

José Nun elabora a categoria de massa marginal para designar as manifestações não-funcionais do excedente da população. Tal massa se refere tanto àqueles que não têm emprego, quanto aos que o têm de forma precária, como aos que não se encontram no setor das grandes corporações monopolistas.

Se, de um lado, temos a tese de Nun de que a massa marginal é afuncional ou até mesmo disfuncional ao capital, do outro lado, existe a posição de Kowarick, que defende a funcionalidade da massa marginal e a identifica com o exército industrial de reserva (conceito elaborado por Marx).

Segundo a definição de Kowarick, um grupo deve ser caracterizado como marginal na medida em que encarna tanto as “novas” relações de produção não tipicamente capitalistas (terceiro setor), quanto as antigas formas tradicionais de produção (artesanato e indústria domiciliar) que o capitalismo, no processo de sua expansão, cria e recria.

Percebemos que, apesar da discordância no que se refere à questão da funcionalidade da massa marginal, parece haver um consenso entre os dois autores no que tange a quem são os trabalhadores da massa marginal.

Os grupos marginalizados seriam, portanto, os desempregados, trabalhadores intermitentes e os de setores produtivos estagnados ou decadentes (produção artesanal, indústria a domicílio), empregados domésticos, trabalhadores autônomos do comércio de mercadorias (ambulantes) e prestação de serviços (alojamento, alimentação, higiene pessoal, confecção de roupas, reparação e instalação de máquinas e atividades domésticas remuneradas).

A partir de uma listagem das principais atividades dos sem-teto que apareceram durante nossas entrevistas e conversas com os sem-teto, além das reportagens da grande imprensa, constatamos que muitos se encontram desempregados e que as principais ocupações são: pedreiro, ajudante/servente de pedreiro, auxiliar de entregas, cobrador de lotação, caminhoneiro, garçom, lavador de carros, camelô, ambulante, comerciante, ajudante geral, auxiliar de serviços gerais, mecânico, pintor de paredes, soldador, doméstica, diarista, cozinheira, garçonzete, auxiliar de enfermagem, aposentada, costureira, ex-lavradora e dona de casa.

Estamos falando aqui de trabalhadores que não se encontram na indústria, mas sim estão desocupados ou nas “novas” relações de produção não tipicamente capitalistas e nas velhas formas tradicionais, como os autônomos (camelôs) e os trabalhadores temporários (“bicos”).

Ora, o que são estes senão os trabalhadores da massa marginal descritos por Nun e Kowarick?

Concluimos assim que os sem-teto possuem uma absorção pelo mercado de trabalho capitalista semelhante à da massa marginal. Daí afirmamos que a maioria dos sem-teto são trabalhadores marginalizados. Utilizaremos esta expressão (trabalhadores marginalizados) para reforçar a ideia de que os sem-teto fazem parte das classes trabalhadoras e são, portanto, trabalhadores e, mais especificamente, pertencem a uma das frações destas classes definida como massa marginal. Daí os marginalizados.

3.2. A construção social da classe: a reunião dos agentes em coletivos

Neste sentido estamos unidos por dura e crua realidade “Somos todos Sem-Teto”, esta é grande privação que nos une. E desta privação que vamos construir o novo. (Barbosa; Pita, 2006)

O pertencimento a uma classe passa pela ideia de ser e de se reconhecer como igual socioeconomicamente, ou melhor, de se estar em uma mesma posição na estrutura produtiva e perceber isso. A partir daí, deve-se reconhecer que existem interesses comuns, interesses de classes, e que para tê-los atendidos existe a necessidade de se lutar conjuntamente. Assim, todos os que estão nos movimentos dos sem-teto se encontram em uma posição semelhante na estrutura produtiva, uma situação socioeconômica parecida, par-

tilhando carências e lutando pela mesma coisa: no limite, uma moradia digna para suas respectivas famílias.

Agregando estes interesses à necessidade de se lutar conjuntamente, tem-se a organização do coletivo e as ações dos movimentos que reivindicam moradia. No caso dos movimentos dos sem-teto brasileiros, organizados e atuantes nas décadas de 1990 e 2000, a principal forma de ação radical é a realização de ocupações de prédios vazios no centro das grandes cidades, denunciando a situação de desigualdade social e o aumento da especulação imobiliária. Diante do processo crescente de esvaziamento do centro da cidade de São Paulo, com milhares de imóveis abandonados, os sem-teto travam uma luta para que haja um processo de reocupação destes imóveis, de modo a diminuir o déficit habitacional na cidade.

Muitas das ocupações organizadas pelos movimentos dos sem-teto possuem tanto um caráter de denúncia como de resistência e pressão política aos poderes públicos, no sentido de pressionarem os governos para a elaboração de políticas habitacionais que atendam à demanda por moradia popular. As ocupações possuem ainda um caráter prático, no sentido de que servem como moradia provisória para muita gente que não tem onde morar.

Percebe-se assim que a luta pela moradia dos sem-teto é, na verdade, uma luta política, uma luta de classes, ou melhor, uma luta entre frações de classes: os trabalhadores marginalizados versus os capitalistas imobiliários, além, é claro, da presença fundamental do Estado.

Diante do exposto, podemos voltar para a questão: os movimentos dos sem-teto possuem um caráter de classe?

Diríamos aqui que os movimentos dos sem-teto possuem um forte caráter de classe já que são compostos pela classe trabalhadora, mais especificamente pelos trabalhadores que integram a massa marginal. E mais: tanto os interesses compartilhados pelos sem-teto quanto a principal reivindicação dos movimentos de moradia é característica das classes trabalhadoras. A reivindicação por uma moradia digna vem de trabalhadores que não possuem condições de se alimentar e pagar um aluguel. Temos aqui agentes atuando no processo político visando conquistar posições na distribuição da riqueza; temos lutas de classes.

3.3. Posicionamento político dos movimentos dos sem-teto

Para completar a ideia de movimento classista é preciso refletir sobre o posicionamento político dos movimentos dos sem-teto, no sentido de compreender se a identidade de classe aparece de maneira consciente e constante entre os sem-teto.

Sobre esta temática, encontramos em nossa pesquisa de mestrado uma heterogeneidade nas orientações político-ideológicas dos movimentos dos sem-teto e diferentes politizações. Para os propósitos de nosso artigo, apenas citaremos as principais conclusões a que chegamos em Oliveira (2010).⁵

Constatamos que existem movimentos dos sem-teto que são mais pragmáticos, no sentido de realizarem uma luta mais estrita (porém não simples) pela moradia, como é o caso do

Movimento Sem-Teto do Centro. Em um nível intermediário estaria o Movimento de Moradia do Centro, já que algumas de suas lideranças possuem objetivos mais amplos que vão além da conquista da moradia. No entanto, a grande maioria das lideranças e da base deste movimento possui uma visão mais pragmática da luta. Considerando como um movimento mais revolucionário, teríamos, de acordo com nossa análise, o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto, em que muitas das lideranças e parte da base apresentam um discurso mais radical e ideológico. Apesar de apresentarem a moradia como a luta de urgência, mostram como finalidade última de luta a extinção do modo de produção capitalista.

É também o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto o que mais defende, tanto entre suas lideranças quanto em parte de sua base, a consciência de pertencimento a uma fração das classes trabalhadoras e a necessidade de se construir uma identidade coletiva de classe. Este movimento sempre se apresenta como parte das classes trabalhadoras, daí a importância da sua nomenclatura: “trabalhadores sem-teto”. Além disso, enfatiza-se a ideia de que os desempregados (lembrando que grande parte dos sem-teto está nesta situação) são *trabalhadores* desempregados e que por isso devem lutar junto com os outros trabalhadores. Aqui se apresenta ainda com clareza a luta cotidiana dos sem-teto contra os capitalistas, de modo que o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto se coloca como um movimento anticapitalista. Essa defesa da identidade de classe é uma diferença importante frente aos outros dois movimentos.

Em relação ao posicionamento político do Movimento de Moradia do Centro, é complicado fazer quaisquer afirmações já que este movimento se encontra de maneira bem diversificada. Enquanto um pequeno grupo de lideranças apresenta uma ideologia revolucionária e acredita que a partir do movimento dos sem-teto é possível organizar a luta de classes, as outras lideranças não possuem esta mesma posição e estão descompassadas umas em relação às outras.

Já o Movimento Sem-Teto do Centro, apesar de mencionar a necessidade dos trabalhadores sem-teto lutarem por direitos sociais (moradia), não coloca a discussão nos termos de construção de uma identidade de classe e a necessidade de se travar uma árdua luta com a classe capitalista e o Estado. Este movimento não objetiva uma organização ampla da classe trabalhadora e transformação social. O Movimento Sem-Teto do Centro luta por moradia para todos aqueles que precisam, mas não enfatiza que esta é uma luta de classes e que diz respeito a uma luta mais ampliada.

4. Considerações finais

O que tentamos demonstrar aqui foi que as bases sociais dos três movimentos dos sem-teto analisados (Movimento de Moradia do Centro – MMC; Movimento Sem-Teto do Centro – MSTC; e Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto – MTST) são semelhantes entre si, embora internamente essas bases sejam heterogêneas, existindo grande diversidade entre os sem-teto (homens, mulheres, homossexuais, negros, migrantes, idosos, crianças).

Notamos ainda que, apesar dessa heterogeneidade, há uma unidade entre os sem-teto. E esta unidade se deve ao fato de que os sem-teto possuem uma carência comum que vem em decorrência de suas posições na estrutura produtiva. Dessa maneira, se as pessoas fazem parte dos movimentos dos sem-teto é porque suas reivindicações imediatas são moradias, e isso se dá porque os sem-teto são trabalhadores muitos pobres, suas situações socioeconômicas não são nada favoráveis e eles vivem no dilema de pagar o aluguel ou comprar alimentos para a família.

Demonstramos assim que as classes trabalhadoras não só têm “dois sexos”, como também possuem etnias, identidades e idades diversas, mas não podemos esquecer que, mesmo assim, elas não deixam de ser classes trabalhadoras.

À guisa de conclusão, podemos dizer que para compreender os movimentos dos sem-teto faz-se fundamental entender a heterogeneidade de sua base, ou seja, as especificidades e os dilemas de cada segmento dos sem-teto. Mas, mesmo diante desta diversidade, existe algo que une os sem-teto e isto se deve ao seu caráter de classe – classe em sua dimensão objetiva (posição na estrutura produtiva) e classe em sua dimensão subjetiva (organização em movimento social e travamento de luta política).

Recebido em 31 de outubro de 2011.

Aprovado para publicação em 12 de dezembro de 2011.

Notas

¹ Este trabalho foi originalmente apresentado no XV Congresso Brasileiro de Sociologia com o título *Somos sem-teto e é essa privação que nos une. Análise da base social dos movimentos dos sem-teto*. Também foi traduzido para o francês e publicado na revista internacional on-line *New Cultural Frontiers*.

² A referida pesquisa de mestrado foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

³ A noção de classe social que sugiro aqui é a utilizada pelo grupo de pesquisa do qual participo: *Neoliberalismo e relações de classe*.

³ Gonçalves (2005) fala que, para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), a luta pela terra é considerada uma luta da família. Acreditamos que os movimentos dos sem-teto também apresentam a luta pela moradia como uma luta travada por toda a família.

⁴ Um dos principais lemas do Movimento Sem-Teto do Centro é “Se pagar o aluguel, não come. Se comer, não paga o aluguel”.

⁵ Lembramos ao leitor que, para conferir os detalhes da argumentação e a verificação da tese apresentada aqui sobre as orientações político-ideológicas dos movimentos dos sem-teto, pode-se consultar o Capítulo 4 de Oliveira (2010).

Bibliografia

- BARBOSA, Benedito Roberto; PITA, Sidnei Eusébio. **A trajetória das lutas do centro: das ocupações e resistências às conquistas**. São Paulo: LABHAB FAUUSP, 2006. Disponível em http://www.cidades.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/Biblioteca/ReabilitacaoAreasUrbanas/Texto_Trajectoria_Lutas_Centro.pdf. Acessado em outubro de 2011.
- BORJA, Jordi. **Movimientos sociales urbanos**. Buenos Aires: Ediciones Siap-Planteos, 1975.
- CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CLOUX, Rafael Fontes. **MSTs: a trajetória do movimento dos Sem-Teto de Salvador/Bahia**. Salvador: Ed. do Autor, 2008.
- GONÇALVES, R. Acampamentos: novas relações de gênero (con)fundidas na luta pela terra. **Lutas Sociais**, nº13/14, 2005, pp.147-159.
- KOWARICK, Lucio. **Capitalismo e marginalidade na América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- LARANGEIRA, Sônia M. G. (org.). **Classes e movimentos sociais na América Latina**. São Paulo: Editora Hucitec, 1990.
- MARX, Karl. O 18 Brumário de Luis Bonaparte. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- MASCARO, L; SILVA, U; TAMBELLINI, E. Inclusão de imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo: algumas estratégias e políticas locais. In: Silveira, C; Carneiro Jr, N; Marsiglia, R. (orgs). **Projeto inclusão social urbana: nós do centro. Metodologia de pesquisa e de ação para inclusão social de grupos em situação de vulnerabilidade no centro da cidade de São Paulo**. São Paulo: Fundação Arnaldo Vieira de Carvalho. Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, 2009.
- NUN, José. Marginalidad y otras cuestiones. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, nº 4, 1972, pp. 366-398.
- _____. Superpopulação relativa, exército industrial de reserva e massa marginal. In: Pereira, L. (org). **Populações Marginais**. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- _____. O futuro do emprego e a tese da massa marginal. **Novos Estudos Cebrap**, nº 56, 2000, pp. 46-52.
- OLIVEIRA, Nathalia. **Os movimentos dos sem-teto da Grande São Paulo (1995-2009)**. Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp para a obtenção do Título de Mestre em Ciência Política. Campinas, Unicamp, 2010.
- SANTOS, J. Efeitos de classe na desigualdade racial no Brasil. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, vol. 48, nº1, 2005, pp. 21-65.
- SOUZA-LOBO, Elizabeth. **A classe operária tem dois sexos. Trabalho, dominação e resistência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.